

VOL. III

IFSUL NOSSA HISTÓRIA:

PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE ACADÊMICA

VOLUME III

ORGANIZADORES

Angelita da Rosa
Carla Rosani Silva Fiori
Ceres Mari da Silva Meireles

Daniel Ricardo Arsand
Gláucius Décio Duarte
José Leonel da Luz Antunez
Marcelo Freitas Gil

Rodrigo Lavalhos Dal Forno
Valter Lenine Fernandes
Vinícius Martins



IFSUL NOSSA HISTÓRIA:

PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE ACADÊMICA

VOLUME III

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

Reitor

Flávio Luis Barbosa Nunes

Vice-Reitora

Veridiana Krolow Bosenbecker

EDITORA IFSUL

Editor Executivo

Vinícius Martins

Conselho Editorial

Vinícius Martins (Presidente)

Alessandra Cristina Santos Akkari Munhoz

Daniel Ricardo Arsand

Elisabeth Tempel Stumpf

Gilnei Oleiro Corrêa

Glaucius Décio Duarte

Klaus Boesch

Mariana Jantsch de Souza

Nei Jairo Fonseca dos Santos Junior

Rodrigo Kohn Cardoso

Editora IFSul

Rua Gonçalves Chaves, 3218 – 5º andar – sala 509

96015-560 – Pelotas – RS

Fone: (53) 3026.6094

editoraifsul@ifsul.edu.br

<http://omp.ifsul.edu.br>

Vinícius Martins
Angelita da Rosa
Carla Rosani Silva Fiori
Ceres Mari da Silva Meireles
Daniel Ricardo Arsand
Glaucius Décio Duarte
José Leonel da Luz Antunez
Marcelo Freitas Gil
Rodrigo Lavalhos Dal Forno
Valter Lenine Fernandes
(Orgs.)

IFSUL NOSSA HISTÓRIA:

PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE ACADÊMICA

VOLUME III



2025

© 2025 Editora IFSul



Este livro está sob a licença Creative Commons (br.creativecommons.org), que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

Coordenação editorial:
Carla Rosani Silva Fiori

Revisão textual:
Equipe de revisores ad hoc
(lista no final da obra)

Capa:
Patrícia Koschier Buss Strelow



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

123 IFSul nossa história [recurso eletrônico] : percepções da comunidade acadêmica / (Orgs.) Vinícius Martins ... [et al.]. — Pelotas : Editora IFSul, 2025.
v.3 : il. color.

Modo de acesso: <http://omp.ifsul.edu.br/>
ISBN: 978-65-89178-31-6

1. IFSul - História. 2. Educação pública. 3. Narrativas – Comunidade acadêmica. I. Martins, Vinícius. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. III. Título.

CDD 370

Bibliotecária responsável: Rosana Machado Azambuja - CRB 10/1576

PREFÁCIO



Neste terceiro volume de "IFSul NOSSA HISTÓRIA", estruturado em 11 capítulos, apresentamos as narrativas das vivências de discentes, servidores e comunidade no âmbito do Instituto Federal Sul-rio-grandense. Esses narradores foram os responsáveis pelo fortalecimento da Instituição como um espaço coletivo para a construção do saber.

Sob a ótica de uma educação pública e de qualidade, as experiências apresentadas no decorrer da obra ressaltam os protagonismos e desafios dos indivíduos impactados pelo Instituto nos mais diversos olhares.

Partindo deste panorama de ressaltar a imprescindível atuação do IFSul em um projeto educativo transformador, selecionamos escritos que nos transportam para momentos marcantes como aqueles realizados pela participação estudantil no aspecto cidadão em "O movimento político da ocupação estudantil no IFSul Câmpus Bagé" (de Lisandro Lucas de Lima Moura) e no esportivo em "Rumo à Vitória: A Jornada Esportiva no IF e seus futuros atletas" (de Gregori Meneguini Boll).

Ademais, é primordial destacar a inclusão como um fator desafiador para que o Instituto respeite a pluralidade de existências, diminua as invisibilidades em um ambiente acadêmico, como

exposto no capítulo “O Atendimento Educacional Especializado no IFSUL: memórias e experiências de uma professora”, (de Renata Porcher Scherer).

O pertencimento a esta comunidade é narrado nas trajetórias experienciadas pelos docentes: pela importância da coletividade como em “Uma Sinfonia Docente: A Construção Coletiva da Educação” (de Camila Quevedo Oppelt), pelos anseios e expectativas da docência como “A professora sabe tudo” (de Ana Paula Soares Müller) ou por meio de diálogos construtivos em “Pra nós!” (Carla Cristiane Martins Vianna). Ainda, são valorosas as participações de ex-discentes, como a gratificante história de “A Jornada de Alex Sebben da Cunha no IFSul” (de Alex Sebben da Cunha) e as emocionantes recordações encontradas em “Um Ideal de esperança” (de Orhan Bittencourt Fernandes da Silva).

No entanto, é incompleta uma obra que não contenha o envolvimento de uma peça fundamental para o funcionamento da Instituição: o segmento de terceirizados e terceirizadas. Neste sentido, o texto “Marta, Martinha...” (de Marta Aparecida do Prado e de Juliana Favretto) representa um componente indispensável para o entendimento de que as atividades profissionais no âmbito educacional podem se expandir para além de jornadas meramente laborais.

No contexto de expansões, as fronteiras institucionais são a temática debatida em “Cursos doble-chapas: reflexões inspiradas pela cristologia” (de Eliézer dos Santos Oliveira), que por meio da utilização de elementos da teologia cristã, promove reflexões que ultrapassam limites territoriais.

Portanto, conforme apresentado no capítulo "Futuro" (de Melissa Christiny Fontela de Vargas), espera-se que a leitura desta obra proporcione uma perspectiva relevante do compromisso do IFSul com as gerações passadas e atuais, sem negligenciar sua responsabilidade social para o futuro.

*Gilnei Oleiro Correa*¹
Docente

*Lucas Lopes Grischke*²
Técnico-administrativo em Educação

¹ Mestre em Letras, na área de Linguística Aplicada, pela Universidade Católica de Pelotas (2013), Especialização em Literatura Brasileira Contemporânea pela Universidade Federal de Pelotas (2000), Licenciatura Plena em Letras - Habilitação Português, Francês e respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Pelotas (1992) e Graduação em Direito pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (1981). Docente, no câmpus Pelotas/IFSul. E-mail: gilneicorrea@ifsul.edu.br

² Mestre em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2019). Pós-graduação (MBA) em Administração Pública e Gerência de Cidades pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2012) e graduação em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2009). É Assistente em Administração e Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e Núcleo de Gênero e Diversidade (NUGED) da Reitoria/IFSul. E-mail: lucasgrischke@ifsul.edu.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11

A JORNADA DE ALEX SEBBEN DA CUNHA 13 NO IFSUL

Alex Sebben da Cunha

A PROFESSORA SABE TUDO 19

Ana Paula Soares Müller

CURSOS DOBLE-CHAPAS: REFLEXÕES INSPIRADAS 25 NA CRISTOLOGIA

Eliézer dos Santos Oliveira

MARTA, MARTINHA... 33

Marta Aparecida do Prado; Juliana Favretto

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO 41 NO IFSUL: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA

Renata Porcher Scherer

O FUTURO

Melissa Christiny Fontela de Vargas

55

O MOVIMENTO POLÍTICO DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL NO IFSUL CÂMPUS BAGÉ: OUTRAS MANEIRAS DE HABITAR A ESCOLA

Lisandro Lucas de Lima Moura

57

PRA NÓS!

Carla Cristiana Martins Vianna

51

RUMO À VITÓRIA: A JORNADA ESPORTIVA NO IF E SEUS FUTUROS ATLETAS

Gregori Meneguini Boll

67

UM IDEAL DE ESPERANÇA

Orhan Bittencourt Fernandes da Silva

71

UMA SINFONIA DOCENTE: A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA EDUCAÇÃO

Camila Quevedo Oppelt

77

REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS

81

ORGANIZADORES/AS DA OBRA

89

APRESENTAÇÃO



Como última etapa do projeto literário denominado “IFSUL NOSSA HISTÓRIA”, o Volume III apresenta importantes relatos de vivências pessoais e profissionais de representantes da comunidade acadêmica do IFSul, em diferentes unidades/câmpus.

As/Os autoras/es foram selecionadas/os por meio do Edital PROPESP nº 11/2023, amplamente divulgado na Instituição. Foram recebidas 19 inscrições para autoria de capítulos, com predominância de estudantes do câmpus Novo Hamburgo, seguido por inscrições do câmpus Passo Fundo.

Para melhor acompanhamento e revisão dos textos recebidos, uma Comissão Especial foi instituída pela Portaria nº 1971/2023, complementada pela Portaria nº 1997/2023 e, ratificada pela Portaria nº 2337/2024.

Os capítulos foram recebidos por e-mail institucional da Editora IFSul e submetidos à Comissão Especial, que os avaliou e, quando necessário, apresentou sugestões de melhorias nos textos.

A adesão ao Edital foi relativamente pequena, entretanto conta com representantes de todos os segmentos, o que é muito importante para os objetivos deste projeto, sobretudo por dar vez e voz àqueles que percebem e descrevem os impactos da história do IFSul em suas vidas.

Desejamos a todas/os uma excelente leitura.

As/Os organizadoras/es

A JORNADA DE ALEX SEBBEN DA CUNHA NO IFSUL

Alex Sebben da Cunha¹

Olá a todos (as) que estão apreciando essa obra. Meu nome é Alex Sebben da Cunha e a minha história no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) começou em outubro de 2007, ano em que iniciei o curso Técnico em Sistemas de Informação, quando o IFSul ainda era chamado de Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET-RS).

Para iniciar eu gostaria de voltar um pouquinho no tempo e contar uma parte da história que “poucos” se interessam em saber, e responder à seguinte pergunta: como eu conheci o IFSul? Essa pergunta é curiosa e acredito que até hoje, em 2023, as pessoas ainda fazem aos alunos. Pois bem, no final do ano de 2006, eu concluí o ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Saldanha Marinho, na pequena cidade de Ibirapuitã, 3723 habitantes (IBGE, 2022), localizada a 60 km de Passo Fundo.

¹ Aluno egresso dos cursos Técnico em Informática para Internet e Superior em Tecnologia em Sistemas para Internet, Técnico Administrativo em Educação - Cargo Tecnólogo em Sistemas para Internet. E-mail: alexcunha@ifsul.edu.br

Meu irmão mais velho (03 anos a mais), Alisson, estava cursando o bacharelado em Ciência da Computação na Universidade de Passo Fundo, desde 2004. Ele estava cursando disciplinas de diferentes semestres e ainda levaria de 02 a 03 anos para concluir sua graduação. O curso era particular e a mensalidade nada suave para o bolso dele e dos nossos pais. Meu irmão estudava, trabalhava e dividia aluguel com alguns amigos em um apartamento no centro de Passo Fundo. Nossa mãe costurava, e nosso pai fazia fretes na época. Infelizmente, ou felizmente (você já saberão o porquê), nossos pais não tinham condições de bancar 02 mensalidades de graduação em faculdade particular. Resumindo: eu teria que esperar meu irmão se formar ou eu teria que passar em uma faculdade federal. Por algum momento, passou-me pela cabeça: “vou começar a trabalhar em um frigorífico”. Você sabem como é um jovem que gosta de ter suas coisas, seu carro, seu som e não está ainda muito preocupado com o futuro, mas com o que é imediato. Aqui você já está prestes a saber como conheci o IFSul.

Na época, eu ia para Passo Fundo para fazer alguns cursos profissionalizantes (informática e inglês) e jogar videogame (jogos de computador) com meu amigo e colega de ensino médio Cristófer, irmão de um dos amigos que moravam com meu irmão no apartamento. Nós costumávamos ir para Passo Fundo em épocas de recesso/férias escolares para ficar alguns dias lá.

Um certo dia, meu irmão e eu estávamos na porta do prédio, em um dia de feriado e eis que na calçada avistamos alguns papéis voando com o vento. Meu irmão então juntou um desses papéis (*folders*) e me disse: “Olha só, CEFET-RS, faculdade federal, curso Técnico em Sistemas para Internet. Por que você não faz o vestibular?” Estava diante de mim a única oportunidade que eu tinha até aquele momento.

Fiz o vestibular do IFSul (CEFET-RS na época) e passei. Estava aguardando o início das aulas que estavam previstas para o 2º semestre de 2007, porém com o atraso nas obras do Câmpus, acabou iniciando em outubro do mesmo ano e, por isso, não tivemos férias de verão em 2008, apenas em 2009. Concluí então no final de 2009/1, com mais 07 colegas, o curso Técnico em Informática para Internet. Como assim? O curso mudou de nome? Sim. Tanto a instituição mudou de nome quanto o curso nesse tempo. Dos 96 alunos que iniciaram as primeiras turmas do câmpus Passo Fundo, 08 concluíram no tempo previsto de 04 semestres. Eram 02 turmas pela manhã e 02 turmas à noite. Cada turma tinha 24 alunos.

A cerimônia de formatura foi no centro de eventos do colégio Notre Dame, pois ainda não havia auditório no Câmpus, que contava apenas com 02 prédios. O prédio 01, hoje apenas administrativo, era utilizado também para as aulas e o prédio 02 que era e ainda é o prédio utilizado pelos alunos do Curso Técnico em Mecânica.

No final de 2008, quando eu estava para cursar o último semestre do curso técnico, o IFSul abriu processo seletivo para o seu primeiro curso superior no câmpus Passo Fundo, o curso de Tecnologia em Sistemas para Internet. Decidi fazer o vestibular e caso passasse teria que cursar o último semestre do curso técnico concomitante ao primeiro semestre do curso superior. Mas acabei não passando nessa vez.

No semestre seguinte, quando estava concluindo o curso técnico, foi aberto novo processo seletivo para o curso superior para iniciar no segundo semestre de 2009. Dessa vez, fiz o vestibular e passei, dando sequência a minha jornada de aprendizado no IFSul, agora no curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet. Ainda no último semestre do curso técnico,

iniciei meu estágio obrigatório em uma empresa de tecnologia da informação em Passo Fundo, chamada Parceria Sistemas. Continuei o estágio após o término do curso técnico, porém aproveitando do curso superior. O estágio aí já não era obrigatório, mas remunerado. Mais adiante, no término do período de 02 anos de estágio, fui contratado pela empresa e cursava pela manhã e trabalhava à tarde. Essa rotina ocorreu até eu concluir o curso superior em 2012/1. Nesse tempo, o Câmpus já havia expandido através da construção de novos prédios e auditório. Dessa vez, a cerimônia de formatura foi no próprio auditório do Câmpus.

Um pouco antes, ainda quando estava no penúltimo semestre do curso superior, o IFSul lançou um edital de Programa de Mobilidade Escolar Internacional a ser realizado no Texas - Estados Unidos (intercâmbio), onde os alunos ficariam 01 mês lá aprendendo inglês e empreendedorismo global. Para o câmpus Passo Fundo, no total eram 05 vagas para o programa, sendo que 02 vagas iriam para a viagem na turma de janeiro de 2012 e 03 vagas iriam para a turma de fevereiro de 2012. E mais uma vez, graças a Deus, ao passar pela prova do processo seletivo do programa, fui contemplado com mais essa grande oportunidade que o IFSul proporcionou. Foi uma experiência incrível, um sonho realizado.

Após a formatura do curso superior, fui contratado em tempo integral na empresa, onde permaneci até julho de 2014. Durante esse tempo em que permaneci na empresa, vários colegas do IFSul passaram por lá. Meu chefe dava preferência pela contratação de alunos do IFSul. Espero que tenhamos deixado um bom legado para os próximos alunos da nossa instituição. Mas por que deixamos um bom legado? O que aconteceu depois disso? Sei que estás curioso para saber.

No início de 2014, o IFSul lançou um edital de concurso para Técnico-administrativo em Educação (TAE), com cargo de Tecnólogo em Sistemas para Internet. Eis aí uma oportunidade de retornar ao IFSul, porém desta vez para contribuir como servidor. Havia em torno de 30 candidatos inscritos e apenas 02 passaram na prova. Graças a Deus, eu fui o 1º colocado e fui chamado para iniciar as atividades em agosto do mesmo ano. Até parece que eu estava buscando algo melhor para minha vida...não que na empresa não estivesse bom, mas eu já estava buscando oportunidades melhores.

Já havia participado de 02 processos seletivos em empresas que tinham setor de informática dentro delas: a Oniz Distribuidora e o colégio Notre Dame, ambos em Passo Fundo. Nos 02 processos seletivos eu havia passado, porém não assumi. Inclusive quando eu estava esperando ser chamado para assumir o concurso do IFSul, o Notre Dame estava aguardando a minha resposta sobre a vaga. No dia em que recebi a ligação do setor de recursos humanos (RH) do câmpus Passo Fundo para saber se eu tinha interesse em assumir a vaga do concurso, logo também recebi a ligação do RH do Norte Dame, e eu pude dizer a eles: “fui chamado para assumir o concurso”. Agradei imensamente a eles por terem tido paciência e me esperado, mas o IFSul era um sonho tornando-se realidade. Confesso que não foi nada fácil me desligar da empresa onde trabalhei durante 5 anos, mas decisões precisam ser tomadas. Sou muito grato à Parceria Sistemas por ter dado a oportunidade de me desenvolver lá dentro. Foi muito importante para que eu pudesse estar capacitado para assumir a vaga no IFSul.

Hoje, 2023, faz 9 anos que sou Técnico-administrativo em Educação no IFSul câmpus Passo Fundo. Contudo a minha história no IFSul começou em 2007, ou seja, são mais de 15 anos de jornada até chegar aqui. Nesse tempo, o IFSul oportunizou ainda

minha qualificação através de um curso de especialização e um mestrado na área de informática, porém em outras instituições. Tive de cursar em outras instituições por ainda não ter esses cursos no IFSul, mas certamente teria feito no Instituto, se fosse possível.

Atualmente desenvolvo, no do câmpus Passo Fundo, soluções em sistemas para as diversas demandas dos setores, as quais têm tornado o trabalho dos colegas servidores mais fácil, mais organizado, possibilitando a integração dos diversos daqueles que compõem a comunidade acadêmica. Sinto que tenho feito a diferença no IFSul e espero contribuir ainda mais.

Para finalizar, não posso deixar de lembrar dos colegas de aula, colegas de trabalho e servidores que passaram por mim nesses anos. Agradeço a todos por terem feito parte dessa jornada. Infelizmente, nem todos puderam chegar até onde cheguei e nem permanecer onde permaneci. Isso certamente não nos pertence, mas àquele que criou todas as coisas e que planejou nosso futuro antes mesmo que nós viéssemos a este mundo. Para finalizar, ousar dizer que o IFSul faz parte do plano de Deus para minha vida e que esse não é o fim da minha história, mas apenas o início.

A PROFESSORA SABE TUDO



Ana Paula Soares Müller¹

Cedo da manhã no IFSul. Quase nenhuma classe está vazia na sala de aula. A turma chega pontualmente para o primeiro dia do semestre. Algumas pessoas estão distraídas com o celular, em silêncio, talvez apreensivas com o semestre todo que vem pela frente. Outras parecem empolgadas, compartilhando com os colegas as novidades do período em que não se encontraram. Lá na frente da sala, mais apreensiva do que empolgada, ela aguarda a turma se acomodar e fazer silêncio para iniciar o que seria o primeiro dia de um semestre rico em aprendizagens, desafios e novidades. Tentando disfarçar a voz trêmula e demonstrar uma postura confiante, “de professora”, ela diz seu nome e conta que é seu primeiro semestre no IFSul, e assim a aula inicia.

- Bom, mas o que é ter uma postura “de professora”?

Desde cedo, ela construiu consigo a ideia (bastante comum, eu diria): “a professora sabe tudo, a professora nunca erra, a professora sempre sabe responder a todas as perguntas”. A professora seria quase uma espécie diferente, tendo o saber como

¹ Professora substituta, IFSul câmpus Passo Fundo. E-mail: anapaulasmuller@gmail.com

uma habilidade praticamente inata. Conforme a infância e adolescência foram passando, essa ideia foi se dissipando e se tornando uma perspectiva mais realista, “professoras são pessoas comuns, como qualquer outra, aprendendo ao longo do processo”. Professoras nem sempre sabem cada conteúdo ou têm as respostas de todas as perguntas, e está tudo bem.

Chega então a oportunidade de assumir o papel de professora, participando da formação de futuros engenheiros e engenheiras civis, de futuros técnicos e técnicas em edificações no IFSul. Nessa hora, a perspectiva realista, até então muito concreta, vai se desfazendo aos poucos. Lá no fundo, ela nunca abandonou aquela ideia: “a professora sabe tudo, a professora nunca erra, a professora sempre sabe responder às nossas perguntas”. Afinal, professoras devem ser confiantes e seguras o suficiente ao dar aula para uma sala cheia de estudantes, estejam eles aparentemente interessados pela aula ou revirando os olhos a cada nova fala. Elas devem ser capazes de resolver qualquer problema ou dúvida que possa surgir durante uma aula.

- E agora?

Ela sempre pensou em ser professora, sempre gostou da ideia de ensinar e costumava acreditar que tinha talento para isso. Nos últimos anos, a ideia de ser professora foi se construindo com mais força e ela foi trilhando caminhos que a levaram para esse lugar. Por fim, de repente, o lugar até então imaginário apareceu na vida real. E agora? Ela sempre pensou em ser professora, mas enquanto pensava, ela também duvidava da própria capacidade de assumir esse papel. A insegurança e o medo de não ser boa o suficiente são velhos conhecidos dela, sempre muito presentes. Como ser professora se ela mal consegue falar em público de forma confortável? Se ela já nem lembra mais dos conteúdos que agora

precisa ensinar? Foi por pouco, mas ela empurrou a insegurança e o medo para fora do caminho (ainda que eles sigam ali de canto, mirando-a, sorrateiramente vez ou outra) e assumiu o lugar de professora.

- Quem diria!

A aula então inicia. Conforme sua voz vai se firmando, ela faz a chamada e vai observando atentamente cada estudante, tentando memorizar seus nomes (o que só viria a acontecer lá no último mês de aula). Na sequência, é a vez de iniciar a aula sobre materiais de construção e, conforme apresenta o conteúdo, ela vai verificando, nas diferentes expressões da turma, se a aula está interessante o suficiente para que não desviem os olhos para os celulares. Apresentação, chamada, introdução do conteúdo e, depois do que pareciam ser horas e horas ali naquela situação ainda muito intimidadora, finalmente, fim da aula. Certo, uma já foi, que alívio!

Aula seguinte: o tempo parece andar um pouquinho mais depressa e o alívio com o final da aula é menor. Aula seguinte, outra vez, ela já aprendeu o nome de alguns estudantes e começa a ganhar segurança para fazer um ou outro comentário descontraído e rir com a turma. Mais uma aula de muitas que ainda estavam por vir: ela conta para turma que é sua primeira vez como professora e que está, assim como eles, estudando para dar as aulas e, por isso, às vezes, se atrapalha durante uma explicação. A turma sorri gentilmente em resposta.

- Ué, mas não era “a professora sabe tudo, a professora nunca erra, a professora sempre sabe responder a todas as perguntas”?

Vivenciando a realidade de ser professora, ela vai entendendo que não. A professora não sabe tudo mesmo, e que ser professora é muito mais do que “saber tudo e nunca errar”. Ser

professora é estar disposta a aprender e ensinar e aprender e ensinar de novo, muitas vezes aprendendo bem mais do que se está ensinando. Ser professora é estar atenta aos seus estudantes e ciente de que são pessoas como ela, não apenas observando se estão prestando atenção na aula ou distraídos com seus celulares, mas também questionando-se por que estão ou não prestando atenção. A aula está entediante? O conteúdo está difícil? Ou o que foi difícil é o dia do estudante? Ser professora é trabalhar diariamente a empatia e a paciência, o compromisso e a responsabilidade. É não deixar de lado a postura firme quando necessário, mas estar sempre ciente de que uma aula boa vai muito além de uma aula carregada de conteúdos e conhecimentos específicos.

A professora é uma estudante que nunca para de estudar e aprender. Ser professora é, possivelmente, umas das atividades mais inconstantes e desafiadoras que alguém pode realizar. Não há um padrão para o que seria uma aula boa, um passo-a-passo infalível, pois a falha é uma constante na vida real da professora, e está tudo bem. É falhando que se descobre uma opção melhor para a próxima atividade, aula, turma ou semestre letivo. Falhar é parte do processo. E falhando aqui e ali, ela foi também acertando e construindo uma relação cheia de carinho com aquela turma. Até que chega, enfim, o final do semestre letivo e a aula de despedida. Ela torce para que pelo menos um pouquinho das inúmeras aprendizagens, desafios e novidades que viveu naquele semestre se façam presentes também nos seus estudantes. Outra vez ela tenta disfarçar a voz trêmula, dessa vez não por nervosismo ou apreensão, enquanto agradece pelo semestre e se despede da turma. Não tem ninguém distraído com o celular ou compartilhando algum assunto com os colegas. Agora, ao observar atentamente

cada estudante, ela só encontra sorrisos e olhares gentis e agradecidos. E a postura confiante “de professora” se desfaz de vez quando ela deixa as lágrimas caírem.

CURSOS DOBLE-CHAPAS: REFLEXÕES INSPIRADAS PELA CRISTOLOGIA

Eliézer dos Santos Oliveira¹

Advertências iniciais: Uma quase-teologia de galpão

O texto que segue não é teológico, embora ele se utilize de elementos da teologia cristã. A sua finalidade é refletir acerca da realidade secular da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul e do Norte Uruguaio, mais especificamente nas cidades gêmeas de Sant’Ana do Livramento e Rivera.

Não se trata nem de um texto religioso e nem de um texto antirreligioso, ou seja, é uma produção que relaciona conceitos cristológicos com a realidade da Fronteira. Para tanto faz uso de um modelo ideal que permita pensar o real.

Nesse pensar criativo, os grandes conceitos da teologia ocidental são retomados e conectados com realidades socioculturais que, por sua vez, não possuem qualquer relação direta com o conteúdo religioso: quer pela concordância, quer pela

¹ Professor de Filosofia dos cursos binacionais do IFSul-UTU/UTEC, câmpus Santana do Livramento – RS. E-mail: eliezeroliveira@ifsul.edu.br

discordância. Portanto, não é exigido do leitor nenhuma crença ou descrença inicial, mas apenas aquele gosto peculiar em relacionar ideias que talvez não tenham sido ainda inter-relacionadas, visto que não é usual relacionar o debate da filosofia medieval acerca de Cristo com a vida hodierna na Fronteira.

Nessa prosa de galpão, uma ideia se juntará à outra, levando à outra ideia que, conseqüentemente, puxará outra ideia. De mate em mate, por veredas intransitáveis, essa crônica haverá, de algum modo, de tratar dos cursos doble-chapas do IFSul/Universidade do Trabalho do Uruguai-Universidade Tecnológica do Uruguai (UTU-UTEC). Principiemos!

Enredos fronteiriços: Uma complexidade parente da cristologia

Para quem não é cristão, talvez pareça estranho que a cristologia diga que Jesus Cristo, sendo uma só pessoa, tenha duas naturezas, a humana e a divina. Parafraseando... Para quem não é desta Fronteira, talvez pareça estranho que a experiência cotidiana diga que o Fronteiriço, sendo uma só pessoa, tenha duas nacionalidades, a brasileira e a uruguaia.

Tal como Jesus Cristo é para a filosofia cristã, ao mesmo tempo, 100% divino e 100% humano; também o Fronteiriço de dupla nacionalidade é, ao mesmo tempo, 100% uruguaio e 100% brasileiro. No caso da teologia cristã, não se trata de Jesus ser humano **ou** divino, mas sim, de ser, ao mesmo tempo, humano e divino. Reescrevendo... No caso da vida fronteiriça não se trata do Fronteiriço ser uruguaio **ou** brasileiro, mas sim, de ser, ao mesmo tempo, uruguaio **e** brasileiro.

Na história da arte, é bem comum ver imagens de Cristo com os dedos indicador e médio da mão direita estendidos, colados um ao outro, erguidos para o alto, como símbolo de sua dupla natureza. Em paralelo... Na Fronteira é bem comum ver as cédulas e moedas de peso e de real coladas umas às outras, dentro da mesma carteira. Na mesma perspectiva, é comum ler e ouvir os idiomas português e espanhol bem unidos por meio doportunhol escrito ou falado. Além disso, pode-se contemplar as bandeiras dos dois países erguidas, lado a lado, no Parque Internacional – tal como se fossem os dedos erguidos das duas nacionalidades.

Segundo os cristãos, por mais que a dupla natureza seja duas, composta por distintas determinações, elas se encontram perfeitamente unidas em Cristo, sendo inseparáveis uma da outra. Parodiando... Segundo o modo de vida fronteiriço, por mais que a dupla nacionalidade seja duas e composta por distintas determinações, elas se encontram perfeitamente unidas no Fronteiriço, sendo inseparáveis uma da outra – pelo menos até a hora do jogo de futebol entre a seleção Canarinho e a Celeste. Ali, naquele momento que vai do apito inicial ao apito final, precisamente neste íterim e, somente ali, a união das nacionalidades se desfaz.

O ser hipostático do Doble Chapa

A união hipostática² fronteiriça deu origem ao “doble chapa”: um só carro com duas placas (*con doble chapa*), uma uruguaia e outra brasileira, ou seja, uma só condução pertencente a dois países (Uruguai e Brasil) e a duas cidades (Rivera e Livramento).

² “União hipostática” termo cristológico que se refere à união da natureza humana com a natureza divina de Jesus Cristo.

Do carro 100% brasileiro e, ao mesmo tempo, 100% uruguaio, foi um pulo para que a expressão binacional do “doble chapa” fosse igualmente aplicada aos fronteiriços que têm a bi nacionalidade. E, assim, nasceu esse sujeito, que é cidadão de duas Pátrias, o Doble Chapa.

O Doble Chapa é fruto da mescla de salivas e gametas fronteiriços que se entreveram formando um ser sem-fronteiras. Para os contrabandos do amor, a linha imaginária é inimaginável e não haverá de ser um marco de pedra que marcará as batidas dos corações de carne. Tal como para a fé cristã, Maria trouxera em seu ventre a criança humana-divina, o Menino Jesus. Também, de modo análogo, a mulher fronteiriça traz em seu ventre criança que une em seu corpo os céus e a terra do Uruguai e do Brasil, o Guri ou a Guria da Fronteira.

As crianças da Fronteira usam a linha imaginária para pular cordas e os marcos para alguma atividade marcante de esconde-esconde, pega-pega ou até mesmo, como expressão simbólica de um alto monte intransponível a ser escalado. Essas crianças transitam pelas duas cidades como se elas fossem uma só, porque muitas vezes, a menor distância entre dois pontos é aquela que passa por dois países. Elas se divertem com brinquedos uruguaio e brasileiros, comem guloseimas daqui e de lá e pulam uma amarelinha diferente, plantando um pé em cada país. Tais práticas indicam que a própria união das cidades já é expressão da união das nacionalidades.

Ortodoxia fronteiriça: um ser inclusivo

Para quem não é cristão é estranho ouvir que Cristo tem duas naturezas, porém, aos cristãos, essa afirmação soa normal e

corriqueira, sem apresentar nada de incomum. Redizendo... Para quem não é fronteiriço é estranho ouvir que o Doble Chapa tem duas nacionalidades. Porém aos fronteiriços essa afirmação soa normal e corriqueira, sem apresentar nada de incomum.

Talvez exista uma pergunta que não tenha sido tão comumente feita para Jesus Histórico: “*Tu és humano ou és divino?*”, até porque essa foi uma preocupação filosófica posterior. No entanto, para o Fronteiriço Doble Chapa é muito comum que alguém lhe pergunte: “*Vem cá mala-branca, tu é uruguaio ou é brasileiro?*” – tal como se ele devesse pertencer a um único país. A resposta poderia ser: “Eu sou daqui. Sou de onde o Uruguai e o Brasil se beijam, se abraçam, se tocam corpo a corpo e se unem em um ser único que sou eu. Eu sou a encarnação³ viva da Fronteira”.

Para a cabeça herege do estrangeiro à Fronteira há “ou” onde tem “e”; e há **exclusão** onde tem **inclusão**. Para esse monofista⁴, a criatura é brasileira ou é uruguaia, ou é uruguaia ou é brasileira. A identidade brasileira exclui a uruguaia e vice-versa. Ao passo que o ser Fronteiriço é inclusivo! O Doble Chapa é ambas as coisas numa pessoa só; ele próprio é a comprovação de que o terceiro excluído⁵ da lógica formal pode se tornar no terceiro incluído. É bem assim mesmo... o Fronteiriço desafia a lógica.

³ Encarnação: Conceito teológico para significar o ‘Deus feito homem’ por meio da concepção e nascimento de Jesus.

⁴ Monofismo: Considerado heresia pela ortodoxia cristã. Os monofisistas afirmam que Jesus Cristo tinha apenas uma natureza, a divina.

⁵ Ou a coisa é verdadeira, ou não é verdadeira, a terceira possibilidade está excluída.

Cursos doble-chapa para os Doble Chapas

Para esse ser uno-duplicado, ou duplo-unificado, portador de duas cédulas de identidade, nativo de duas terras, candombeiro e sambista, chimango no Rio Grande do Sul e colorado no Uruguai, maragato no Brasil e blanco no Uruguai... um curso que fosse somente brasileiro ou somente uruguaio não estaria à altura de sua ‘Doblechapisse’.

Tal como, na sua sacola fronteiraça, encontram-se misturados produtos de algum *free shop* de Rivera com produtos de algum supermercado de Sant’Ana do Livramento também é desejável que se meschem, na cabeça Fronteiraça, os saberes formais que se criam e se reproduzem na considerada Fronteira mais irmã do mundo, a chamada “Fronteira da Paz”.

Muita coisa na Fronteira é binacional. No jornal de Rivera, há notícias de Sant’Ana do Livramento e vice-versa; na programação da Rádio de Livramento tem comercial em espanhol, tratando de alguma casa de comércio de Rivera e vice-versa. Por aqui até os cemitérios são binacionais, então por que a educação também não deveria ter essa identidade doble chapa?

Se Jesus, considerado homem e Deus fora, segundo os evangelhos, educado pelos pais da terra e pelo Pai do céu, por que esse ser de duas pátrias seria formado apenas por uma de suas chapas? Para um Doble Chapa um curso doble-chapa fez-se necessário, e hoje ele existe, graças à aliança fecunda do IFSul com a UTU/UTEC.

Um curso binacional que, acontecendo de um lado ou de outro da Fronteira, pertence aos dois países. Tal como o dogma cristão considera cada ato de Cristo como integralmente humano e integralmente divino, também no curso binacional cada ato

praticado de um lado ou de outro da Linha é um ato plenamente uruguaio e plenamente brasileiro.

O cidadão de duas nacionalidades tornou-se no estudante de duas instituições de ensino, no aluno de dois países, no matriculado por dois Ministérios da Educação e Cultura (MECs), no 100% pertencente a dois sistemas públicos de educação. E mais, depois de formando, esse aluno será detentor de um diploma binacional escrito em duas línguas, assinado pelos representantes legais de ambas as instituições de ensino e válido nos dois países.

Há como não dizer que se está diante de um curso doble-chapa? Alguém poderá dizer que não ocorre aqui a materialização da união hipostática do ser Fronteiriço? O certificado binacional, e mais do que ele, o próprio estudante binacional, são a encarnação da integração regional possível, urgente, necessária e salvífica deste rincão do mundo.

Cursos Doble-Chapas: em busca da encarnação perfeita

Diz a teologia cristã que Cristo é o único, eterno e suficiente mediador entre Deus e a humanidade. O fato de Cristo ser para os cristãos, ao mesmo tempo, o plenamente humano e o plenamente divino faz com que ele consiga levar a humanidade a Deus e trazer Deus para a humanidade. Seguramente, os cursos doble-chapas não são os únicos, nem os eternos e nem os suficientes mediadores entre o Brasil e o Uruguai. Outras experiências binacionais também realizam essa intercomunicação entre os países, mas seguramente esses cursos são alguns destes mediadores capazes de levar um pouquinho de Brasil ao Uruguai e de trazer um pouquinho de Uruguai para o Brasil.

“Pouquinho” esse que, cada vez, poderá ser mais plenificado, até deixarem de ser pouquinho. Afinal de contas, ser Doble Chapa não é uma condição conquistada “numa tacada só”

com o nascimento, mas sim uma práxis cotidiana de quem vive atravessando a Fronteira sem se enredar na tal linha imaginária. Se isso é pouco, dá para dizer ainda mais! Ser Fronteiriço mais do que atravessar a Fronteira é se deixar atravessar por ela, quase sem perceber.

Seguramente essa união Brasil e Uruguai ainda não é plena. De tão humano que era Jesus, só podia ser divino – dizem os Cristãos. De tão uruguaio que somos, só podemos ser brasileiros e de tão brasileiros que somos, só podemos ser uriguaio – não conseguem ainda dizer os envolvidos na integração binacional desta Fronteira. Ainda há um longo caminho a percorrer para que o rosto uruguaio possa ser contemplado no rosto brasileiro e o rosto brasileiro no rosto uruguaio – a Fronteira ainda não consegue falar como Cristo que dizia no evangelho que ele e o Pai são um.

Chegará o dia que tudo será de fato e verdadeiramente doble-chapa? A Fronteira esperançadamente aguarda pela união hipostática plena desta dupla nacionalidade encarnada em cada célula do ser social fronteiriço. Eis aí um bom critério para o juízo final parcial de cada atividade realizada neste chão doble chapa.

MARTA, MARTINHA ...

*Marta Aparecida do Prado¹
Juliana Favretto²*

É difícil saber qual é minha primeira recordação da Marta, mas lembro distintamente do dia 29 de agosto de 2023, um dia frio do típico inverno passofundense. Nesse dia, recebi no meu e-mail institucional um edital com convite para integrantes da comunidade do IFSul fazerem relatos de suas vivências no IFSul.

Levantei meus olhos e vi a Marta, a Martinha, a Marta da recepção... Pensei em convidá-la para relatar a sua história, mas será que ela aceitaria? Caminhei até a sua sala e perguntei: “Marta, você gostaria de escrever sua história para um livro do IFSul?” Ela olhou-me com aquele olhar calmo e gentil, que todos conhecem, e com um sorriso doce respondeu: “SIM!!!”

Essa é a Marta, a mulher, a mãe, a avó, a profissional. Falar dela é falar de todas as mulheres. Mulheres fortes, guerreiras, sonhadoras e corajosas. Fico feliz em ter acompanhado a sua trajetória, de ter visto a sua dedicação e de estar ao seu lado para vê-la colher os frutos.

Um abraço carinhoso,
Juliana.

¹ Terceirizada, IFSul câmpus Passo Fundo. E-mail: martaalmeidapf@hotmail.com

² Servidora do Câmpus Passo Fundo. E-mail: julianafavretto@ifsul.edu.br

Meu nome é Marta Aparecida do Prado, tenho 45 anos de muitas vivências e histórias para contar. Nasci na pequena e calma cidade de Ciríaco, no estado do Rio Grande do Sul, onde passei os primeiros anos da minha infância. Esses dias “dourados” eram cheios da simplicidade do campo e do calor do lar. Como a segunda filha mais velha da família, eu tinha um papel especial: era a guardiã dos segredos e a companheira de aventuras dos meus irmãos. A casa da nossa família era um refúgio de risadas e brincadeiras, um lugar onde as preocupações da vida adulta não podiam nos alcançar.

Lembro-me das manhãs ensolaradas, onde corríamos descalços, sentindo a terra sob nossos pés, competindo para ver quem chegava primeiro ao riacho.

Durante as tardes, passávamos ajudando nossos pais nos afazeres da roça, aprendendo o valor do trabalho em equipe e de responsabilidade. As refeições eram momentos sagrados, em que compartilhávamos não apenas o alimento, mas também histórias e sonhos. Assim, aprendemos a valorizar as pequenas coisas, como um pôr do sol deslumbrante, o canto dos pássaros ao amanhecer e o sabor inigualável do pão caseiro feito por nossa mãe.

A vida no interior nos ensinou a agradecer, a respeitar a natureza e a entender que o verdadeiro sentido da felicidade reside nas coisas simples da vida. Essas lições moldaram quem eu sou hoje e continuam a guiar-me na jornada da vida.

Quando eu tinha seis anos, os meus pais, ambos pequenos agricultores, decidiram buscar novos horizontes no município de Passo Fundo, também no estado do Rio Grande do Sul, sonhando com uma vida melhor e com mais oportunidades para nós, os seus filhos.

Eu cresci entre quatro irmãos e, desde cedo, assumi o papel de ajudante da minha mãe na criação dos mais novos. A escola pública foi o palco do meu aprendizado, onde concluí o ensino fundamental. O início do ensino médio trouxe consigo a responsabilidade de um emprego como babá. Neste período, os meus dias eram longos, divididos entre o trabalho diurno e os estudos noturnos. A minha rotina entre trabalho e estudos sempre foi um verdadeiro malabarismo, mas também foi uma fonte de crescimento e aprendizado. Durante o dia, eu me transformava na babá que cuidava com carinho das crianças, mergulhando no mundo delas, repleto de imaginação e de descobertas. Era um trabalho que exigia paciência e dedicação, mas que, ao mesmo tempo, recompensava com sorrisos sinceros e abraços apertados.

Quando anoitecia chegava o momento de trocar as fraldas pelos livros. A sala de aula se tornava meu refúgio, onde eu podia alimentar a minha mente e sonhar com um futuro brilhante. Os estudos noturnos realmente eram cansativos, mas cada página virada era um passo a mais em direção ao meu objetivo.

Era uma vida de compromissos duplos, em que o relógio era o meu maior aliado e, às vezes, o meu maior desafio. Mas, em meio a essa correria, eu encontrava momentos de alegria e satisfação, afinal, cada dia era uma oportunidade de aprender algo novo, de fazer a diferença na vida de uma criança. Essa jornada não foi fácil, mas foi recheada de momentos que aqueciam e ainda aquecem o meu coração e de ensinamentos que levarei para sempre comigo. E agora, com a experiência acumulada e a sabedoria que esses momentos trazem, posso olhar para trás e sorrir, sabendo que cada esforço valeu a pena.

Ao finalizar o ensino médio, a minha vida tomou um novo rumo. Não prossegui com os estudos, pois me casei e tive três filhos

maravilhosos. Dediquei-me integralmente a eles, até que a necessidade me levou de volta ao mercado de trabalho. A vida se tornou uma corrida constante entre casa, filhos e trabalho. Mas o desejo de estudar e de me especializar em algo relacionado às crianças nunca me abandonou, tanto que hoje, aos 45 anos, estou realizando esse sonho, cursando o primeiro semestre de graduação em Pedagogia.

A minha trajetória no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) teve início no ano de 2009. Nesse ano, uma vizinha que trabalhava na empresa terceirizada, na época sob o nome de Locadora Sul, que prestava serviços ao IFSul, me ligou oferecendo uma vaga na recepção, e então eu aceitei. Eu não tinha muitas perspectivas na função, porque achei que não me adaptaria com a rotina que era muito diferente dos empregos pelos quais eu já havia passado anteriormente. E realmente não foi fácil. Muitas vezes, eu pensei em desistir, mas fui persistente e estou no IFSul até hoje. Já passei por diversas empresas, pois os contratos são renovados periodicamente. Ao todo foram quatro empresas que prestaram serviços ao IFSul. A primeira delas foi a Locadora Sul, seguida pela AFF Telles, após a Desinfec Sul, a Lions, e atualmente é a Merco Service.

O meu primeiro dia como recepcionista no IFSul foi uma verdadeira “prova de fogo”. Lembro-me de estar cercada por muitas informações, cada detalhe parecendo tão crucial quanto o próximo. Havia uma lista de nomes de professores, demandas de chaves de salas e prédios que ficavam sob minha responsabilidade, além das inúmeras tarefas diárias. As dificuldades iniciais que enfrentei como recepcionista no IFSul foram amenizadas graças à ajuda de uma colega mais experiente, chamada de Aline Dalmoro. Ela era ágil e tinha muito conhecimento na função, o que tornou o meu aprendizado mais fácil.

Ao longo dos anos, tive o prazer de conhecer muitas pessoas que passaram pelo Câmpus. Algumas delas já não estão mais entre nós, mas permanecerão inesquecíveis em minha memória, pois me acolheram calorosamente quando iniciei minha jornada como recepcionista. Meu trabalho no IFSul começou quando o Câmpus ainda estava em construção, o que me permitiu acompanhar o seu desenvolvimento. Guardo uma lembrança especial da biblioteca, pois nesse espaço tive a sorte de conhecer a Maria Cristina, uma das funcionárias mais admiráveis do local. Ela é uma mulher de muita inteligência e educação. Com sua postura reservada, é alguém que, mesmo em silêncio, me ensinou muito. Foi na biblioteca que descobri o mundo dos livros. Comecei lendo obras curtas para passar o tempo e, antes que percebesse, estava devorando um livro atrás do outro. A literatura se tornou uma paixão para mim. A curiosidade me levava a explorar palavras que estavam além do meu nível de conhecimento, e eu dedicava tempo para pesquisar seus significados. Essa busca pelo conhecimento enriqueceu a minha vida de maneiras que jamais imaginei.

Ao longo dos anos foram tantos acontecimentos que marcaram a minha vida, tantas histórias.... Nessas breves linhas não conseguirei compartilhar todas, mas irei relatar algumas.

Irei descrever uma história que foi marcante e que sempre arranca risadas de alguns, porém, gera pânico em outros. Eu estava finalizando mais um dia de trabalho, quando decidi tirar o pó da minha mesa e, ao erguer o teclado, me deparei com uma cobra. No início, eu pensei que fosse uma das brincadeiras dos meus colegas. Pensei: “quem poderia ter feito a pegadinha? Quem sabia que eu tinha medo de cobra?”. Mas, então, veio a surpresa: a cobra se mexeu e ela era de verdade. Eu tinha trabalhado toda a tarde naquele computador... Não sabia se corria, chorava ou gritava, fiquei em choque. Depois de recuperar o fôlego e é claro sair

correndo da sala, fui pedir ajuda aos meus colegas da manutenção para que tirassem a cobra dali. No fim de tudo, eles ficaram rindo deste acontecimento durante semanas.

Eu também vivenciei momentos inesquecíveis e um deles ocorreu no ano de 2014, quando fui convidada pelos formandos do curso técnico em Edificações para ser amiga da turma na formatura. Fiquei lisonjeada e muito feliz com o convite.

Outro momento importante aconteceu em 2017, quando incentivei o meu filho a ingressar no curso técnico em Mecânica. Posso afirmar, com toda a certeza, que esta foi a melhor oportunidade que o IFSul me proporcionou. Hoje, o meu filho está cursando graduação em Engenharia Mecânica.

Em 2020, o IFSul precisou suspender as atividades presenciais devido à pandemia de Covid-19, o que foi uma experiência desafiadora. Eu subestimei a gravidade da situação, acreditando que em poucos dias tudo voltaria ao normal. No entanto, ficamos um ano distantes e, ao retornarmos, percebemos que muitas coisas haviam mudado, mas também aprendemos muito com tudo isso.

Passaram-se 14 anos desde que iniciei a minha jornada nessa instituição. Sinto uma imensa gratidão pelo meu trabalho e por todas as pessoas que proporcionaram experiências valiosas, tanto as boas, quanto as ruins, pois aprendi com todas elas. Fiquei feliz com o convite feito pela Juliana para que eu compartilhasse um pouco da minha história. Sempre fui tratada com respeito e carinho por todos e me considero uma pessoa acolhedora. Gosto de atender as pessoas com gentileza e educação, pois acredito que é por esse motivo que permaneço na função. Acredito que devemos sempre mostrar o melhor de nós para as pessoas. Eu

valorizo muito um bom convívio no ambiente de trabalho e isso me faz muito feliz na função que eu desempenho.

Por fim, gostaria de destacar que o IFSul e seu ambiente de trabalho me ajudaram a desempenhar um papel transformador em minha vida profissional. Foi essa instituição que abriu as portas não só para o crescimento e desenvolvimento da minha carreira, mas também para o meu filho. A educação técnica e superior de qualidade que o IFSul oferece refletiu diretamente na minha trajetória, proporcionando conhecimentos e habilidades práticas. Isso me permitiu evoluir na função de recepcionista e de me adaptar às novas metodologias no decorrer dos anos. A instituição também oportunizou um ambiente de apoio mútuo e de colaboração, onde pude construir valiosas amizades e coleguismo com os servidores e terceirizados do câmpus Passo Fundo.

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO IFSUL: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA

Renata Porcher Scherer¹

A memória envolve o esquecimento, por meio de seus deslocamentos. Na construção da memória, você faz alguma coisa a origem e o lugar onde algo começou. Para uma vida intelectual/acadêmica é difícil dizer: o que é formativo? (Popkewitz, 2016)

Não podemos concluir que o “eu” seja simplesmente o efeito ou o instrumento de algum éthos prévio ou de algum campo de normas conflituosas ou descontínuas. Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração. (Butler, 2015)

As duas epígrafes escolhidas para abrir esta narrativa provocam-nos a pensar sobre as (im)possibilidades de construção de uma história de si que, de forma neutra, consiga construir um relato linear sobre quem somos e o que nos tornamos. Como mostra Popkewitz (2016), sempre que buscamos construir uma

¹ Docente EBTT de Atendimento Educacional Especializado no IFSul- câmpus Sapucaia do Sul. E-mail: renatascherer@ifsul.edu.br

memória, recorreremos a uma situação ou a algum lugar que seria a origem do que desejamos relatar. Todavia, localizar o momento que seria a origem da escolha, tanto da vida acadêmica quanto da docência em nossas vidas, torna-se um desafio. Butler (2015), ao discorrer sobre a narrativa de si, explica que, sempre que buscamos construir um relato sobre nós mesmos, descobrimos o quanto nossa constituição está implicada em uma temporalidade social. De acordo com a pensadora contemporânea, a razão disso é que o eu “não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para com um conjunto de normas” (Butler, 2015, p. 18).

A partir dessa compreensão, escolho contar minha narrativa como primeira docente concursada no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) de Atendimento Educacional Especializado (AEE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). De um lado, buscando escapar da tentativa de identificar um momento original que possa justificar minha chegada ao IFSul; de outro, atentando para as relações sociais entre instituições, políticas e pessoas que certamente possibilitaram que eu ocupasse tal espaço. Com maior ou menor intensidade, o que narramos de nós mesmos será sempre aquela melhor versão que conseguimos fabricar ao longo de uma trajetória.

Ingressei como professora de AEE no IFSul, no câmpus Camaquã, no dia 2 de setembro de 2019, mesma data em que tomei posse como servidora federal nessa instituição. Todos podem imaginar os desafios que consistem em ingressar em uma nova instituição e em uma nova carreira. Todavia, posso afirmar que ingressar em um cargo no qual eu era a primeira a ocupar esse espaço ofereceu desafios maiores.

O AEE, para quem não está familiarizado com o termo consiste em um serviço que tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem. O público-alvo do AEE são estudantes com deficiência, Transtorno do Espectro Autista e estudantes com altas-habilidades/superdotação. De acordo com a legislação brasileira, a oferta do AEE deve ser garantida para esse público-alvo (Brasil, 2019).

Porém, sabemos que, mesmo que a Política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (Brasil, 2008) tenha mais de uma década, muitos estudantes com deficiência seguem sem a oferta desse importante serviço. A falta de AEE, bem como de profissionais qualificados para o atendimento e acompanhamento dos estudantes, acaba contribuindo para a evasão destes estudantes das nossas instituições.

O IFSul, até o ano de 2019, não possuía professoras de AEE em seu quadro de servidores efetivos. Destaca-se que alguns câmpus, por meio de parceria com as redes municipais, conseguiam realizar a oferta desse serviço para seus estudantes. O câmpus Camaquã, nesse sentido, assume um importante pioneirismo oferecendo o primeiro concurso para docente EBTT vaga de Atendimento Educacional Especializado no ano de 2019. Aqui é necessário ressaltar o empenho da, então Chefe do Departamento de Educação Inclusiva do Instituto Federal-Sul-Riograndense, Rosane Bom, do Diretor-Geral Tales Amorim e dos integrantes do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) do câmpus Camaquã que uniram esforços para que a vaga fosse disponibilizada e o concurso fosse oferecido.

Ao iniciar minha atividade docente, no mês de setembro de 2019, algumas dúvidas começaram a surgir; pois, até então, esse serviço não era oferecido na instituição. Como os atendimentos seriam oferecidos? Qual periodicidade? Para quais estudantes? Outro importante questionamento era se os atendimentos poderiam ser considerados como carga horária efetiva de aula. Antes de ingressar no IFSul trabalhava como professora de AEE na rede municipal de Portão (RS) e nunca havia sido questionada se o Atendimento Educacional consistia em uma aula. Para o IFSul, essa definição era importante, uma vez que, de acordo com o Regulamento da Atividade Docente (RAD) do IFSul, a carga horária mínima para docentes com regime de tempo integral de 40 horas deveria ser de 8 horas de desempenho específico em atividades denominadas “aula”.

Em termos burocráticos demorou para que o trabalho desenvolvido com os estudantes no AEE pudesse ser contabilizado na minha carga horária dentro desse registro específico de “aula”. Porém, nunca tive dúvidas de que o encontro semanal realizado com estudantes, organizado a partir de um planejamento e objetivos definidos, com o intuito de desenvolver conteúdos específicos fosse aula. Afinal, o que caracteriza uma aula se não a relação entre aluno e conhecimento mediados pelo professor, através de uma partilha de leitura de mundo?

Importa afirmar que, em dezembro de 2023, foi aprovado no Conselho Superior o Regulamento dos Processos Inclusivos no âmbito do IFSul no qual define-se “quando realizado o AEE, será registrado no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) como disciplina complementar na qual as/os estudantes que participarem das atividades estarão regularmente matriculadas/os”. Tal organização evidencia e confere *status* de aula ao serviço de AEE, porém, de 2019 até 2023, minhas atividades de AEE foram

registradas como atendimento aos alunos e/ou projetos de ensino para que pudessem contabilizar no registro das minhas atividades docentes.

Para começar a organização do AEE no câmpus Camaquã tive o apoio determinante dos colegas do NAPNE que me auxiliaram a pensar e planejar qual seria a melhor estratégia para organizar e implementar esse serviço no câmpus. Primeiro conversamos com as famílias e com os estudantes explicando sobre a oferta do serviço e o convite para a participação. Os atendimentos eram realizados semanalmente no contraturno, buscando uma aproximação inicial com os estudantes para identificar as barreiras na aprendizagem e oferecer suportes para o êxito na trajetória escolar. Logo pude observar que seria necessário construir uma parceria com os colegas docentes para pensar em estratégias metodológicas, avaliações e recursos diferenciados para alguns estudantes. Tive uma boa receptividade de vários colegas que se dispuseram a pensar e planejar coletivamente estratégias para potencializar a aprendizagem e a inclusão destes estudantes.

Aos poucos, os atendimentos começam a ocorrer de forma sistemática e alguns resultados começaram a serem observados, possibilitando maior visibilidade para a importância do atendimento e acompanhamento para a inclusão e a aprendizagem dos estudantes.

No início de 2020, estava repleta de planos e esperanças, pois poderia iniciar o acompanhamento das atividades junto com o início do ano letivo, o que possibilitaria um planejamento e acompanhamento mais processual e próximo dos estudantes, de suas famílias e dos professores. Mas, em março de 2020, temos a pandemia de COVID-19 que nos interpela como escola e como sociedade a organizar novas formas de trabalhar e de estudar.

No período em que o calendário das atividades escolares estava suspenso, segui realizando o acompanhamento e suporte dos estudantes com relação a sua rotina e oferta de atividades, objetivando a manutenção do vínculo dos estudantes com a nossa escola. Foi um período repleto de dúvidas e incertezas no qual foi necessário ampliar nossas conexões e trabalhar coletivamente para o bem de todos. Um sentimento de que sairíamos melhores e transformados dessa experiência criava uma atmosfera de esperança em dias melhores.

Nesse contexto, os coordenadores dos NAPNEs dos Câmpus do IFSul começam a buscar uma maior aproximação e troca de experiências. Assim, através da coordenação da Chefe do Departamento de Educação Inclusiva do Instituto Federal-Sul-Riograndense, Rosane Bom, foi criado um grupo de trabalho com esses coordenadores para possibilitar encontros e diálogos que fortalecessem uma visão mais coesa com relação a organização do NAPNE nesse contexto pandêmico. Foram muitas horas de reuniões online com esse grupo de coordenadores com os quais eu muito aprendi e fortaleci minhas convicções acerca da importância do AEE no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Trabalhamos intensamente na criação de diretrizes para a oferta do trabalho remoto para estudantes com deficiência no qual a acessibilidade e a inclusão fossem princípios orientadores para o retorno das atividades.

O ano de 2021 recomeça com muitas esperanças, temos o início da vacinação para COVID-19 no Brasil e o retorno de algumas atividades presenciais. Nesse ano, o câmpus Camaquã recebe a matrícula do seu primeiro aluno cego e muitas dúvidas começam a surgir sobre os recursos de acessibilidade que seriam necessários para garantir a inclusão e a aprendizagem desse estudante. Como o ano iniciou ainda com atividades remotas e observando a

necessidade de oferecer suporte para o estudante, realizei uma parceria com a escola municipal em que o estudante frequentou o ensino fundamental. Uma vez por semana ia até a escola para auxiliar o estudante com relação ao uso da Tecnologia Assistiva para que ele pudesse acompanhar as aulas remotas e realizar as atividades oferecidas pelos docentes. Esse contato possibilitou um vínculo com o estudante e a construção de aprendizagens que garantiu a sua permanência conosco na escola bem como a aprovação em todas as disciplinas nesse ano letivo.

Com o retorno das atividades presenciais diárias no câmpus Camaquã e a maior segurança com relação a pandemia de COVID-19, também aumentou em mim a vontade de estar mais perto da minha família. Minha família reside na cidade de São Leopoldo e para trabalhar em Camaquã acabava necessariamente mais longe desse convívio. Assim, o desejo por uma redistribuição para o câmpus Sapucaia do Sul se fortalecia. Ao longo da pandemia tive oportunidade de me aproximar de colegas desse câmpus atuando no projeto de extensão e pesquisa coordenado pela professora Vanessa Dagostim. Nesse projeto realizamos a adaptação do conto “Missa do Galo”, escrito por Machado de Assis e elaboramos um roteiro pedagógico com atividades para o trabalho com o conto² com foco em estudantes com Deficiência Intelectual. Essa aproximação com os colegas do NAPNE no câmpus Sapucaia do Sul aumentou minha admiração pelo trabalho desenvolvido no câmpus e pelo grupo engajado com relação à oferta de uma educação inclusiva.

Em junho de 2022, tive a notícia de que minha redistribuição para o câmpus Sapucaia do Sul estava acertada e poderia assim

² A adaptação do conto Missa do Galo e o Roteiro Pedagógico foram publicados em formato de e-book pela editora do IFSul e podem ser acessados no link: <http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul/catalog/book/191>

estar mais perto da minha família e seguir trabalhando no Atendimento Educacional Especializado. Sai de Camaquã mais segura com relação a importância do AEE, bem como da necessidade de fortalecermos as lutas políticas em torno da inclusão escolar de estudantes com deficiência na Educação Profissional e Tecnológica. O trabalho com os colegas do câmpus Camaquã reforçou minhas crenças sobre o quanto o processo de inclusão escolar precisa ser uma construção diária e colaborativa que aposta na aprendizagem de todos.

Até hoje guardo com carinho as lembranças dos trabalhos compartilhados entre os colegas e, principalmente, com os estudantes do câmpus Camaquã no pioneirismo para a oferta do AEE no IFSul e para fortalecer uma proposta inclusiva nas nossas instituições. Sobre o trabalho no câmpus Sapucaia do Sul acredito que precisará ficar para um próximo texto.

Com alegria, hoje, posso dizer que não estou mais só, hoje três câmpus do IFSul têm professores de Atendimento Educacional Especializado bem como vários outros câmpus têm anunciado que, nos próximos concursos, abrirão vagas para professor efetivo de AEE. Com o crescimento da oferta desse serviço, contribuímos para fortalecer uma cultura inclusiva no IFSul que garante o direito de uma educação pública, gratuita e inclusiva que seja realmente para todos.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LIMA, Ana L. Godinho. GIL, Natália de Lacerda. Sistemas de pensamento na educação e políticas de inclusão (e exclusão) escolar: entrevista com Thomas S. Popkewitz. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n.4, 2016.

*Melissa Christiny Fontela de Vargas*¹

Três anos se passaram e ainda me lembro de quando contava os dias para estar aqui. Estudei por dois anos para passar na prova do Instituto Federal, para depois perder a esperança na descoberta de que seria sorteio. Tudo isso em meio à pandemia, cabeça pensando demais, dias lerdos demais, tendo que contar com a sorte de passar.

Mecatrônica, único curso disponível no câmpus Novo Hamburgo no ano em que me inscrevi. Felizmente, era exatamente o técnico que queria me formar. Engraçado, nunca pensei que teria que contar com a sorte para poder ingressar numa área que parecia ser tão complexa e desafiadora como a área da Mecatrônica, anos de estudos para simplesmente cair no meio de um turbilhão de sorteados.

Área tão complexa e desafiadora que em semanas turbilhonantes sua mente já não é mais sua e a ansiedade consome a visão, você já não tem segurança com nenhuma prova e atividade avaliativa. Mas depois tudo fará sentido, o mundo não será mais

¹ Discente, IFSul, câmpus Novo Hamburgo. E-mail: melissachristiny@gmail.com

cinza e o brilho dos olhos dos animaizinhos do Câmpus iluminam o caminho da calmaria depois da tempestade.

Os servidores estão sempre dispostos a ajudar de alguma maneira, tanto em matéria quanto em estágios que podem ser internos ou externos. Ajudando a se comunicar com outros ou com empresas, abrindo, ou melhor, escancarando portas para seu futuro. Como sempre, tem um fator comum que te ajuda a dar o primeiro passo, é a força de vontade. Devemos mostrar que estamos dispostos a realizar pequenos projetos para construir um maior, dedicando-se ao máximo para que, no futuro, te chamem para uma outra bolsa significativa no Câmpus.

Bem, não me arrependo de nada. A dificuldade semestral sempre estará presente. Entretanto dessa vez ela vem em quatro anos, que te proporcionará a formação em Mecatrônica ao final da agonia e, se tudo der certo, um estágio. No futuro, tudo valerá a pena.

O MOVIMENTO POLÍTICO DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL NO IFSUL CÂMPUS BAGÉ: OUTRAS MANEIRAS DE HABITAR A ESCOLA

Lisandro Lucas de Lima Moura¹

Neste texto, busco revisitar imagens fotográficas, observações e impressões escritas sobre um acontecimento político singular que ocorreu no IFSul câmpus Bagé, em outubro de 2016: a Ocupação estudantil. Com base nesse acontecimento, compartilho algumas ideias sobre os modos de habitar a escola suscitadas pelas ações dos estudantes.

Os alunos e alunas dos cursos técnicos de Agropecuária e Informática do IFSul câmpus Bagé participaram ativamente do movimento político de ocupação durante as grandes mobilizações estudantis no Brasil em 2015 e 2016, conhecidas como "Primavera Secundarista". Nesse período, mais de mil escolas estaduais e federais foram ocupadas por estudantes em protesto contra as medidas de austeridade do governo de Michel Temer. Em nota lançada pelo movimento estudantil do Câmpus, no dia 1º de

¹ Docente ativo do IFSul câmpus Bagé. E-mail: lisandromoura@ifsul.edu.br

novembro, os estudantes manifestaram-se contrariamente às propostas do governo, tais como o Projeto de Emenda Constitucional nº 55 (PEC 55), que limitava investimentos da União em educação, saúde e outras áreas sociais por 20 anos; a Medida Provisória 746/16, da Reforma do Ensino Médio; e o projeto Escola Sem Partido, que visa à criminalização do conhecimento produzido em sala de aula. Os estudantes lançaram notas explicativas nas redes sociais e em programas de rádio e TV locais. Organizaram audiências na Câmara de Vereadores, debates políticos no Câmpus, nas praças e em escolas da cidade.

Em que pese a importância dessa contextualização política, quero mostrar que a eficácia da ocupação realizada no IFSul-Bagé não está apenas na esfera macropolítica, representada pela pauta de reivindicações, mas também numa dimensão pouco reconhecida como importante nas lutas políticas: a dimensão do gesto e da presença. Minha intenção é mostrar brevemente o quanto as situações cotidianas, aparentemente banais da Ocupação, estavam em sintonia com um novo modo de conceber e habitar a escola pública, desde a perspectiva de ação dos alunos e alunas do IFSul Bagé.

Durante aquele período, estudantes, e eu produzimos, de forma compartilhada e colaborativa, uma quantidade significativa de fotografias, vídeos e sonoridades de situações performáticas da Ocupação. Ao revisitar as imagens, penso na importância da dimensão estética invocada nos movimentos políticos estudantis. As relações de poder, conflitos, consensos e dissensos, podem assim se manifestar nas formas expressivas da contestação, para além dos discursos literais em jogo, os quais receberam maior importância no debate público da época.

Figuras 1, 2 e 3 – Novos objetos em cena.



Fonte: Fotos de Lisandro Moura.

Figuras 4, 5 e 6 - Novas formas de habitar a escola.



Fonte: Fotos de Lisandro Moura, Thaís Rodrigues e Eduarda Trindade.

Colchões pelo chão, barracas no corredor, tênis sobre as mesas de trabalho. Cozinha coletiva, trabalho em grupo, divisões por tarefas. Mensagens nas portas, paredes e pisos. Oficinas, discussões em círculos e almoços coletivos. À medida em que eu ia passando pelos corredores, via novos objetos em cena: vassouras, bola, produtos de limpeza, tintas, violões, toalhas. Estudantes demonstravam uma disposição corporal não controlada. Os corpos estavam num estado de suspensão, muitas vezes contorcidos, indulgentes, desgovernados. Corpos em estado de risco, corpos em tempo livre.

As expressões eram espontâneas e marcadas pela demonstração de sentimentos de euforia e medo, próprios de quem está situado em um espaço liminar. Os ocupantes davam novas funcionalidades para objetos costumeiros da instituição. Em oficinas e atividades pedagógicas organizadas pelos alunos e alunas, era possível observar outras maneiras de estar em aula. Todos deitados, próximos uns aos outros, alguns abraçados, numa demonstração de afeto, desprendimento e ludicidade. Corpos que se projetam de forma alegre.

Cores que se manifestam em cartazes e murais, feitos para serem vistos. Algumas dessas imagens, lançadas publicamente em redes sociais, eram o estopim para críticas generalizadas por parte de estudantes contrários à manifestação. Para eles, as imagens davam a entender que os estudantes não queriam estudar, que eram “vagabundos”, “baderneiros” e “irresponsáveis”. Mas o que estava em jogo, entretanto, na percepção dos estudantes, era a criação de outras formas de produção de sentido e de vínculo com o ambiente educacional.

Figuras 7 e 8 – Cores que comunicam.



Fonte: Fotos de Thaís Rodrigues e Carlos Eduardo.

Nas assembleias em que pude participar, imaginava encontrar algum tipo de discurso preciso, regular e burocrático, como é de costume. Havia, na realidade, demonstrações de sentimentos e emoções próprias de quem está presente num ambiente não mediado, não controlado. Os debates políticos dividiam o espaço com as confissões pessoais, angústias e problemas familiares, expressos, muitas vezes, por choros e risos. Um espírito de grupo tomava conta dos estudantes na mesma

intensidade das críticas que lhes eram dirigidas por pessoas contrárias ao movimento. Esse era um ponto bastante lembrado, como demonstra a fala da aluna Letícia, do curso técnico de Informática:

Da pra ver que tá tudo bem diferente aqui, o pessoal tá mais unido. As pessoas que antes não se falavam estão tão amigas agora, sabe? Então eu acho que, apesar de ser uma luta muito séria, tem um lado muito positivo, as pessoas vão ficando mais unidas, elas tão vendo que estamos lutando por uma causa importante, então elas precisam estar juntas. As coisas espalhadas pelo câmpus, é outra coisa, realmente parece uma casa. É o IFSul como a gente não tinha visto antes, bem diferente.²

O sentimento de camaradagem e atitudes de ajuda mútua eram fortalecidas por momentos em roda, os quais buscavam gerar pertencimento e reconstruir possíveis laços rompidos.

Figuras 9, 10 e 11 – Formas de envolvimento.



² Vídeo-clipe da Ocupação, com depoimentos de estudantes. Disponível em <https://youtu.be/q9wETyLBCxM?si=cZ5nZuwHSyY1IKKx>



Fonte: Fotos de Carlos Eduardo e Eduarda Trindade.

O espaço habitado e transformado pelos alunos e alunas provocava deslocamento dos servidores e servidoras, quando aparecíamos na Ocupação. Docentes e técnicos-administrativos se sentiam “inúteis” naquele espaço reinventado fora dos seus padrões de organização. Nossas proposições não eram mais acatadas, não por desrespeito, mas por não fazerem mais sentido. Tudo o que eu dizia era insignificante. O poder estava, naquele momento, distribuído entre estudantes, que propunham as oficinas, as pautas, as discussões, as normas e as sanções. O espaço dava impressão de movimento. Não havia mais lugares demarcados nem

posições fixadas. Docentes circulavam num labirinto improvisado, mapeando novos refúgios para o trabalho. A sala dos professores, destino inevitável de todo docente, pertencia aos estudantes. Meus gestos, que estavam impressos em cada detalhe, nas portas dos armários, nas mesas e computadores, haviam se apagado, pois tudo estava fora de lugar. Pela primeira vez, senti no corpo como é estar numa escola que não me pertence. Acostumado a trilhar caminhos seguros, rastreando e imprimindo significado em cada objeto, pelo poder que a hierarquia me concede, me via agora na pele dos estudantes ao saber que o espaço me foi dado independente da minha vontade.

A Ocupação promove uma ruptura, ainda que provisória, na normalidade do sistema social escolar, forçando-nos a adotar uma análise mais complexa do ambiente educacional. Uma análise que abarca outras possibilidades de vivenciar os espaços instituídos, com a devida atenção para a transformação das relações sociais. O ato de estar-junto, lutando por melhorias da educação pública do País, bem como as motivações subjetivas e as trocas simbólicas que resultam desse movimento, expressas nas imagens, reinventam criativamente a atmosfera do lugar. Transferem os processos educacionais das estruturas normativas para um espaço aberto, no qual os estudantes negociam entre si os significados e os sentidos de estar na escola.

*Carla Cristiane Martins Vianna*¹

Novo Hamburgo, início de uma segunda-feira de fevereiro de 2024, mais uma manhã de trabalho nestas quase duas décadas de aulas como professora de língua portuguesa e de literatura. Quase 20 anos indo ao encontro de estudantes bem cedinho, tão outra de como iniciei na profissão, mas com uma vontade persistente de mais uma vez chegar ao destino e fazer o que precisa ser feito.

Quase duas décadas não é pouco tempo, era uma outra pessoa aquela que se deslocava do Centro Histórico de Porto Alegre em direção ao bairro Floresta e ao Instituto de Atenção e Proteção à Infância (IAPI) para encontrar os seus alunos, os primeiros de tantos que vieram. Lembro bem das tantas incertezas. Não sabia se tinha escolhido a profissão certa, tão tímida e professora, se conseguiria me sustentar com o salário que recebia, tão pouco para tanto trabalho, se conseguiria dar um sentido para tanta correria (...)

Só estou registrando em palavras isso aqui porque aquele senhor, motorista de aplicativo, me fez entrar numa espécie de ciclone do Mágico de Oz, no buraco da Alice, ao conversar comigo

¹ Docente do IFSul, câmpus Novo Hamburgo. E-mail: carlavianna@ifsul.edu.br

ontem de manhãzinha. Não queria fazer balanços, olhar para trás, não agora. Apenas queria ir trabalhar e ponto.

Não sei o nome dele, nunca cuido o nome do motorista, presto atenção no modelo do carro, na cor e na placa. E sei como isso parece frio e prático assim escrito. Mas é a mais pura verdade. Não sei o nome dele, mas sei muita coisa compartilhada em dez minutos de viagem do bairro Ideal ao Industrial. Fiquei sabendo, antes de tudo, que ele tinha dormido muito pouco na noite anterior porque não consegue pegar no sono quando faz muito calor, pois o ventilador não dá conta e não dá para dirigir o dia todo para gastar parte do dinheiro na conta de luz. Ele quase não liga o ar-condicionado.

— Nem sempre foi quente assim aqui em Novo Hamburgo e também tinha mais segurança nas ruas. A gurizada jogava bola na frente da tua casa. Sabia? Outros tempos... Desde quando tu moras aqui? Ele me perguntou.

— Já faz tempo, uns oito anos mais ou menos.

— Eu tô por aqui há mais de 30 anos. Lembro de muita coisa que já não é mais como era, nem metrô existia, pra senhora ter uma ideia.

— Nem imagino a cidade sem o trem.

— Sem o trem e sem um monte de outras coisas. Era tudo diferente.

— A gente sente que é de um lugar quando tem memórias, não? Comentei com ele.

— Isso mesmo. Vim lá de Caçapava, mas já me considero daqui, quase um alemão. Tenho muita história em Novo Hamburgo.

– Eu também já posso dizer que tenho muita história na cidade. A minha filha está crescendo aqui.

– Desculpa perguntar, mas a senhora tá indo pra aquela escola lá da Pinheiro Machado? Uma verde e branco?

– Pro IF, pro Instituto Federal. Sou professora lá.

– Trabalhei lá um bom tempo, há muito anos, pra mais de 30. Era uma fábrica de sapatos. E a senhora sabe que toda vez que pego ou deixo alguém lá passa um filme na minha cabeça.

– Imagino.

– Era um tempo bom, a fábrica tinha três esteiras de produção, fora o almoxarifado, o refeitório, o corte... Depois não deu mais, veio a China e umas fábricas foram pra Bahia, outras pra São Paulo. Não tiveram incentivo. Mas fico feliz de ver a gurizada estudando. Eles parecem tão alegres.

– Sim, eles são cheios de energia, de vida.

– O filho da minha vizinha tá estudando lá. Ela diz que ele adora, não sai da escola. Não era dos estudos e agora tá até fazendo estágio, quer fazer faculdade e tal.

– Ah, que coisa boa saber. É pra isso que a gente trabalha.

Ficamos em silêncio um tempo. Quando dei por mim, já tínhamos chegado.

– Muito obrigada pelas memórias.

– Bom dia pra senhora!

– Pra nós!

Desci do carro um tanto melancólica, contagiada mesmo pela narrativa memorialística do motorista, com a cabeça tentando atar as pontas da vida tal qual ele havia feito durante o nosso trajeto.

Ao me conduzir ao IF, ele voltou a outro tempo, outra cidade, enxergando uma fábrica de calçados e a sua juventude. Ele me fez perceber que já estou há quase nove anos na cidade, que a minha tão sonhada filha está vivendo a sua infância aqui, que o câmpus Novo Hamburgo tem se tornado uma realidade a cada dia, em cada estudante que chega, que sai deixando saudade, que volta para uma visita, enfim, olhei para a construção verde e branca da Pinheiro Machado 205 e, mais uma vez, senti que temos um Instituto Federal pedindo para crescer onde um dia havia uma fábrica de calçados.

— Bom dia, sora!

— Pra nós!

RUMO À VITÓRIA: A JORNADA ESPORTIVA NO IF E SEUS FUTUROS ATLETAS

Gregori Meneghini Boll¹

Em um país que vive e respira futebol, praticamente você “nasce” com a bola na mão, é impossível você não ter contato com o futebol. A maioria dos meninos são incentivados a tentar ser jogador e, até mesmo, em alguma época da sua vida, você sonha em ser jogador profissional, jogar no time para que você torce ou ir para a Europa viver de futebol. No Brasil, o incentivo e o investimento no futebol são absurdamente superiores a outros esportes pelo fato também de ter bastante mídia e muitas pessoas assistindo.

Comigo não foi diferente, joguei muito quando era menor e até fui para escolinha, porém não jogava bem e nem tinha o dom. Quando isso acontece, o que a maioria faz é ir para outro esporte, como eu fiz. Escolhi o basquete e comecei a praticar, porém só tinha contato com esta modalidade quando ia para as quadras da cidade.

¹ Discente, IFSul, câmpus Novo Hamburgo. E-mail: gregoriboll.2014@gmail.com

Quando eu entrei no IFSul, encontrei outros alunos que gostavam de basquete, treinamos o time da escola para competir no JIFs (Jogos dos Institutos Federais), um campeonato que acontece uma vez por ano quando todos os IFs competem contra si em diversos esportes. No segundo ano, participamos e ficamos em terceiro lugar, obviamente o JIFs é muito competitivo e, por mais que tenhamos ficado na terceira colocação, a experiência de competir pela primeira vez e pela sua escola é indescritível. Nesses jogos, a torcida contra e do teu câmpus torcendo pelo teu time, torcer para o time de outra modalidade da sua escola, a felicidade de conseguir uma vitória, a tristeza de perder e a motivação de querer treinar para competir no ano que vem.

Figura 1 – Time de basquete



Fonte: Acervo do autor.

Para quem nunca competiu além das interséries do fundamental, é uma experiência a ser vivida para quem gosta de competir e praticar esportes. Só quem participa dos JIFs sabe como é o clima. A minha memória guardará sempre o IF e a professora Fernanda, pois ela nos ajudou muito, marcando treinos com outras escolas, além dos IFs, incentivando a gente mesmo quando a gente perdia feio, gritando por nós na torcida...

Agora ver os novos alunos (calouros) entrando no time me deixa feliz por saber que o time continuará. Vou guardar essas memórias com muito carinho e espero que continuem com o nosso legado.

UM IDEAL DE ESPERANÇA

*Orhan Bittencourt Fernandes da Silva*¹

Pensei em várias maneiras de começar este texto, porque é uma tarefa árdua falar sobre minha relação com essa instituição, mas acho importante que compreendam o meu contexto. Quem sabe, assim, ao final deste texto, vocês possam entender tudo que ela representa, para mim e para tantos como eu.

Iniciei meu contato com esta instituição muito antes de ser aluno dela. Venho de origens modestas e de um início muito conturbado. Fui criado na cidade de Pedro Osório, a 60 Km de Pelotas, por uma avó materna, um tio portador da Síndrome de Down, uma tia e seu esposo, com muito amor. Amor que carrego comigo até os dias atuais, hoje em forma de lembranças e saudades. Infelizmente, minha vida mudaria abruptamente aos oito anos, em uma madrugada qualquer, quando minha tia, Graça, uma inspiração de força para mim, faleceu repentinamente decorrente de um acidente vascular cerebral. A partir deste ponto, tudo mudou, pois minha tia era o esteio da casa, o pilar de sustentação de minha família, que cuidava de todos. Minha avó, conhecida como Dona Adyles, uma mulher de infinita bondade, dedicada à caridade e à

¹ Discente, IFSul câmpus Pelotas. E-mail: orhanorhanbittencourt@gmail.com

compaixão, me ensinou a humildade e o respeito, entretanto a idade avançada não permitiu que ela pudesse cuidar de mim e de meu tio. Tio Chico, preservado pela inocência de uma eterna criança, que habita um mundo só dele, que me ensinou a amar a família e as coisas simples, e que momentos comuns do dia a dia geram lembranças eternas e saudades gigantes. Poucos meses depois da perda de minha tia, fui morar com meu avô paterno e, nessa nova fase, fui apresentado a essa instituição.

Meu avô Claudio, já viúvo de minha avó paterna, morava em Arroio Grande, aproximadamente 100 Km de Pelotas. Nessa época ele acaba conhecendo uma mulher e inicia um relacionamento com ela, uma pessoa singular, que viria ser minha bússola. Eu a chamava de tia Vânia, pois ela começou a preencher o vazio e a saudade daquela família que me foi roubada pela vida. Dessa forma, meu amor por ela e por meu avô se intensificou quando perdi minha avó Adyles. Passados pouco mais de um ano desde quando nos afastamos, passei a ter contato com essa instituição, que me foi apresentada pela tia Vânia. Como já citei, a Vânia era uma mulher singular, professora aposentada e por muitos anos diretora da escola de Santa Isabel, no distrito de Arroio Grande. Além disso, foi a Primeira mulher presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Arroio Grande. Foi ela quem diariamente me incentivou a estudar e a entrar para esta Instituição. Muito do incentivo que a Vânia me deu, foi através da experiência sobre o que vivenciou e viu ao longo das transformações de vida.

Devemos sempre lembrar que, apesar de o Instituto Federal Sul-rio-grandense ter surgido em 2008, ele foi erguido sobre os alicerces das escolas técnicas, e em nossa região da Escola Técnica de Pelotas.

O incentivo que recebi da tia Vânia foi fundamental para que eu fosse aprovado para estudar nessa instituição. Mas não foi fácil.

Com a nota de vinte e quatro pontos, dos quarenta possíveis, não fui selecionado na primeira chamada. No entanto, fiquei em segundo lugar na fila de espera, cheio de esperança, considerando que é comum ter outras chamadas. Porém, quando ocorreu a segunda chamada com somente uma vaga, foi um banho de água fria. Mas Vânia, como sempre, manteve-me firme em meu propósito. Iniciei os meus estudos no ensino médio em uma escola estadual de meu município, o Instituto Aimone Soares Carricone, enquanto aguardava uma possível nova chamada. Admito que, quando já transcorria a segunda semana de aula e não ocorria um novo chamamento, não tinha mais muita esperança. No entanto, um outro menino que havia passado para o Instituto (IFSul), no mesmo curso e no mesmo turno que eu havia me inscrito, não se adaptou e optou por sair. Vânia, que soube desse caso, por ser amiga de sua família, começou a brigar por mim, de forma que essa vaga não fosse perdida para a evasão escolar. Lutou até que eu conseguisse ser admitido. Assim, dentro do magnífico câmpus Pelotas, no dia da minha admissão, aquela senhora, com toda sua experiência, sentou-se comigo em um banco no jardim e me deu os melhores conselhos que, honestamente, acho que cada novo aluno deveria receber: o primeiro, que o difícil não era entrar para o IFSul, o difícil seria sair formado; o segundo, que a persistência e o esforço de nunca desistir sempre vencem os obstáculos, por maiores que sejam; e o último, a maior herança que alguém pode dar ao outro é o estudo, pois isso, jamais ninguém pode te tirar. E com esses três conselhos, minha vida se transformou.

Iniciei meus estudos no Curso Técnico Integrado em Eletrônica, um começo difícil, como é para todo aluno, devido a mudança repentina na rotina, visto que precisava me deslocar diariamente da cidade onde morava até o Câmpus Pelotas. Somava-se a isso a maior necessidade de estudo para avançar em uma instituição com uma das melhores qualidades de ensino.

Avancei sem reprovações até o terceiro semestre, um ano e meio após meu ingresso.

Nesse momento, acredito ser importante preencher uma lacuna em minha família, minha mãe, que até o momento não apareceu na história, porque é sempre difícil falar dela. Ela era presente em minha vida do jeito dela, me criou do meu nascimento até talvez 4 anos junto com meu pai, na casa da minha avó materna. Porém, após se separarem, acabei ficando com minha avó, apesar da mesma morar perto, apenas algumas casas de distância. Minha mãe optou por um caminho sombrio de vida, que a levou às drogas. Sempre que podia ela me via, mas era consciente o suficiente para evitar ao máximo que eu a visse em um estado deplorável. Essa situação deu-se por anos, e isso me gerava grande revolta. Minha mudança de visão se deu no momento em que a tia Vânia, em sua infinita sabedoria, me fez entender que ela era minha mãe, independente do estado ou condição dela, e que todo o amor que eu tinha pela minha avó, já falecida, minha avó tinha pela filha, minha mãe. Portanto, a melhor forma de honrar a memória dela era estudar e melhorar de vida para poder ajudar minha mãe. A partir daí, essa foi a minha missão.

Retomando o relato de minha trajetória como aluno do IFSul, como disse anteriormente, fui bem até o terceiro semestre, porque nesse momento, perdi a tia Vânia, e isso foi muito doloroso. Havíamos ficado somente eu e meu avô e então foi aqui que o IFSul se tornou o meu lar, minha família e me ajudou a enfrentar grandes “monstros”. Acabei reprovando ao final deste semestre, mas eu havia prometido que nunca desistiria. Não desisti, segui em frente, me apoiando no IFSul, como a esperança pra salvar minha mãe da situação em que se encontrava.

Conheci dentro desta instituição grandes amigos, que carrego até hoje e, conheci um laboratório de pesquisa dentro do

curso de Eletrônica, o Lab 14, coordenado pelo professor Rafael Galli. O Lab 14 é assim conhecido porque fica na sala número quatorze, no corredor da Eletrônica. Esse lugar tem por essência ser um laboratório onde os alunos têm acesso a equipamentos de laboratório de eletrônica para poder realizar projetos que eles idealizam. Além disso, praticam eletrônica, robótica para interagir e trocar experiência, basicamente trocar sonhos sendo para, alunos como eu e muitos, um refúgio da realidade sombria que muitas vezes nos aguarda no lado de fora. Aquela sala de poucos metros quadrados encheu-me de esperança, com ex-alunos que trabalhavam em enormes empresas pelo mundo, que cursaram universidades renomadas, tanto no Brasil quanto em outros países, que participaram de eventos na Europa. Para mim, a porta daquele laboratório representou a janela para o mundo.

Para minha existência, o Instituto Federal representa esperança, pois ele pode dar a melhor ferramenta para enfrentar a vida: o conhecimento. Vi, naquelas paredes, os rostos de tantas pessoas que transformaram suas dificuldades, fossem elas financeiras, físicas ou emocionais, em sucessos acadêmicos, profissionais e sociais.

Infelizmente não fui rápido o suficiente para salvar minha mãe, pois poucos meses depois de me formar no curso técnico, ela faleceu por overdose de medicamentos e álcool. Já cursando Engenharia Elétrica no instituto, recebi o telefonema do óbito dela, dentro do laboratório 14, foi um dia triste para mim, mas pude observar que a minha dor foi sentida pelos meus colegas, meus professores, pelos funcionários. Naquela manhã, me vi sentado em frente ao Instituto Médico Legal (IML), chorando, cercado de colegas, professores e funcionários do IFSul, a família, que carrego comigo até hoje.

Apesar de tudo, nunca perdi a esperança, sou e sempre serei eternamente grato ao IFSul, por tudo, e por todos que ele colocou na minha vida. Lá tive bons momentos, fui ajudado nos maus momentos, mas, principalmente, pelo IFSul ter me dado sempre esperança de dias melhores. Espero profundamente poder um dia fazer a diferença no mundo e retribuir a essa instituição tudo que ela me deu.

Esse é um relato de um eterno aluno, assim como na minha história, essa Instituição esteve presente em outras várias e estará em outras tantas. Por tudo isso, espero que essa instituição de ensino siga representando a tantos outros, o que foi pra mim: esperança.

UMA SINFONIA DOCENTE: A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA EDUCAÇÃO

Camila Quevedo Oppelt¹

Minha jornada no Instituto Federal de Educação Sul-rio-grandense (IFSul) assemelha-se a uma sinfonia, em que cada professor, como um instrumento único, contribui para a harmonia da melodia educacional. Ao longo de dois anos, tive o privilégio de testemunhar e participar da construção coletiva da docência, um processo que me ensinou a ir além das quatro paredes da sala de aula e abraçar a educação como um universo de possibilidades.

Ao ingressar no Instituto, deparei-me com um corpo docente coeso e engajado, movido por um ideal comum: a formação integral de cidadãos críticos e autônomos. A colaboração era a tônica das relações entre os professores, que se reuniam regularmente para discutir metodologias, trocar experiências e buscar soluções conjuntas para os desafios do dia a dia escolar (e o ilustre café às quartas).

Era assim que os novos colegas (ainda que temporários) eram recebidos na Coordenadoria da Área de Linguagens, Códigos

¹ Professora substituta de Língua Inglesa nos anos 2016-2018. Tutora Universidade Aberta do Brasil (UAB). E-mail: camila.q.oppelt@gmail.com

e suas Tecnologias (COLINC). Professores de línguas e artes nos abraçavam com suas experiências, possibilitando espaços para que todos se desenvolvessem, dentro de suas particularidades e estilos docentes.

A Jornada da Língua Inglesa: Uma Sinfonia de Vozes

Minha experiência como professora de Língua Inglesa no IFSul foi marcada por uma constante busca por aprimorar minhas práticas pedagógicas e proporcionar aos meus alunos uma experiência de aprendizagem significativa e transformadora. Nesse processo, a colaboração com meus colegas foi fundamental para o meu crescimento profissional e para o sucesso das minhas aulas.

Dentre os exemplos mais marcantes da colaboração docente no Instituto foram os convites para participar do projeto Português para Canadenses e do Núcleo de Idiomas (NIDI). O objetivo do projeto era promover o aprendizado da língua e da cultura brasileira por meio do desenvolvimento de material didático e do acompanhamento individualizado com Canadenses intercambistas no Brasil. Enquanto membro do NIDI, contribui, dentre outras participações, com a elaboração do Teste de Proficiência em Leitura em Línguas Inglesa.

O Crescimento Individual e Coletivo

Esta colaboração docente não se limitava ao planejamento de atividades e projetos. Também compartilhávamos nossas experiências em sala de aula, discutíamos desafios e buscávamos soluções conjuntas para melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Essa troca de experiências me ajudou a aprimorar

minhas práticas pedagógicas e me ensinou a importância da reflexão crítica sobre o meu trabalho.

As aulas de Língua Inglesa, por exemplo, longe de serem monótonas e repetitivas, transbordavam criatividade e inovação. A troca de materiais didáticos, a coautoria de planos de aula e a experimentação de diferentes abordagens pedagógicas eram práticas frequentes, enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, esta cooperação me proporcionou um ambiente de apoio e crescimento profissional. Sempre que precisava de ajuda ou conselho, podia contar com meus colegas, que estavam sempre dispostos a me ajudar. Essa rede de apoio foi fundamental para o meu sucesso como professora e me ajudou a superar desafios ao longo da minha trajetória.

A Sinfonia da Transformação

Portanto, a experiência de colaboração com meus colegas no IFSul me ensinou que a docência é um processo coletivo que exige trabalho em equipe, diálogo e troca de experiências. Através da colaboração, podemos construir um ambiente de aprendizagem mais rico e significativo para os nossos alunos.

Acredito que a colaboração entre os professores é um elemento fundamental para a construção de uma educação de qualidade. Quando os professores trabalham juntos, eles podem compartilhar seus conhecimentos, experiências e ideias, o que leva a uma melhor compreensão das necessidades dos alunos e ao desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes.

Reflexões Finais

A sinfonia docente que vivenciei no IFSul me ensinou que a educação é uma construção coletiva, em que cada indivíduo tem um papel fundamental a desempenhar. A colaboração, o diálogo e a troca de experiências são elementos essenciais para a construção de um ambiente de aprendizagem rico e significativo.

Acredito que essa experiência me tornou uma professora mais reflexiva, crítica e engajada. Sou grata pela oportunidade de ter feito parte dessa comunidade vibrante de educadores e levo comigo a certeza de que a educação tem o poder de transformar vidas.

Espero que esta crônica sirva de inspiração a outros e a refletir sobre o papel da colaboração na construção da docência. Acredito que, juntos, podemos construir uma educação mais humana, justa e transformadora para todos.

REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS¹

a) Emenda Constitucional:

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016.** Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm. Acesso em: 15 dez. 2021.

b) Leis:

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 dez. 2008, Seção 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014.** Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das

¹ As referências legislativas aqui apresentadas, incluídas nos três volumes da Coleção, são importantes fontes para consulta pelas leitoras e leitores.

empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016.** Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13409.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.987, de 7 de abril de 2020.** Altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, para autorizar, em caráter excepcional, durante o período de suspensão das aulas em razão de situação de emergência ou calamidade pública, a distribuição de gêneros alimentícios adquiridos com recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) aos pais ou responsáveis dos estudantes das escolas públicas de educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13987.htm#view. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Lei Ordinária nº 2720, de 30 de junho de 2014.** Município Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Autoriza o poder executivo municipal a doar o imóvel que especifica ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/n/novo-hamburgo/leiordinaria/2014/272/2720/lei-ordinaria-n-2720-2014-autoriza-o-poder-executivo-municipal-a-doar-o-imovel-que-especifica-ao-instituto-federal-de-educacao-ciencia-e-tecnologia-sul-rio-grandense-ifsul-e-da-outras-providencias?q=Instituto+federal+sul-rio-grandense>. Acesso em: 09 dez. 2021.

c) Decretos:

BRASIL. **Decreto nº 2208, de 17 de abril de 1997,** da Presidência da República. Revogado pelo Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2208.htm. Acesso em: 09 dez. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.224, de 1º de outubro de 2004,** da Presidência da República. Dispõe sobre a organização dos Centros Federais de Educação

Tecnológica e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Diário Oficial da União, Brasília, 20 jul. 2010. Seção 1. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/_decretos2010.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011**. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limites. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

d) Portarias:

BRASIL. **Portaria nº 17, de 11 de maio de 2016**, do Ministério da Educação (MEC). Estabelece diretrizes gerais para a regulamentação das atividades docentes, no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/21521280/do1-2016-05-13-portaria-n-17-de-11-de-maio-de-2016-21521206. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Portaria Normativa nº 39, de 12 de dezembro de 2007**, do Ministério da Educação (MEC). Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Diário Oficial da União, Brasília, 13 dez. 2007. Seção 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pnaes.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 378, de 9 de maio de 2016**, do Ministério da Educação (MEC). Dispõe sobre a autorização de funcionamento de unidades dos Institutos Federais e atualiza a relação de unidades que integram a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/seb->

1/pdf/rede_federal/portaria_2016_no375_09052016_dou_100520161.pdf.

Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 551, de 08 de outubro de 2003**, do Diretor Geral do CEFET-RS. Cria o Memorial do CEFET. Disponível em http://memorial.ifsul.edu.br/framer.php?cd_documento=290. Acesso em: 29 nov. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 983, de 18 de novembro de 2020**, do Ministério da Educação (MEC). Estabelece diretrizes complementares à Portaria nº 554, de 20 de junho de 2013, para a regulamentação das atividades docentes, no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-983-de-18-de-novembro-de-2020-289277573>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 993, de 7 de outubro de 2013**, do Ministério da Educação (MEC). Dispõe sobre a autorização de funcionamento dos campi que integram a estrutura organizacional dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Diário Oficial da União, Seção 1, de 8 de outubro de 2013. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-993-de-7-de-outubro-de-2013-30045592>. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 1330, de 31 de agosto de 2010**, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul).

BRASIL. **Portaria nº 1.436, de 28 de dezembro de 2018**, do Ministério da Educação (MEC). Dispõe sobre a alteração de tipologia do Câmpus Avançado Novo Hamburgo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=31/12/2018&jornal=515&pagina=63&totalArquivos=184>. Acesso em: 09 dez. 2021.

BRASIL. **Portaria Normativa nº 4, de 06 de abril de 2018**, do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão de Pessoas (MPOG). Regulamenta o procedimento de heteroidentificação complementar à autodeclaração dos candidatos negros, para fins de preenchimento das vagas reservadas nos concursos públicos federais, nos termos da Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/9714349/do1-2018-04-10-portaria-normativa-n-4-de-6-de-abril-de-2018-9714345. Acesso em: 27 out. 2021.

e) Resoluções:

BRASIL. **Resolução nº 008, de 27 de março de 2019**, do Conselho Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/acoes-inclusivas/documentos-acoes-inclusivas>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BRASIL. **Resolução nº 139, de 04 de dezembro de 2012**, do Conselho Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Dispõe sobre as competências, a organização e o funcionamento da Câmara de Assistência Estudantil do IFSul. Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/regulamentos-institucionais>. Acesso em: 08 dez. 2021.

f) Instrução Normativa:

BRASIL. **Instrução Normativa nº 01, de 05 de maio de 2019**, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/acoes-inclusivas/documentos-acoes-inclusivas>. Acesso em: 09 dez. 2021.

g) Chamada Pública:

BRASIL. **Chamada CNPq-SETEC/MEC N ° 17, de 25 de agosto de 2014**. Apoio a Projetos Cooperativos de Pesquisa Aplicada e de Extensão Tecnológica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16440-chamada-cnpq-setec-mec-172014-perguntas-frequentes&Itemid=30192. Acesso em: 27 out. 2021.

REVISORES/AS DE TEXTO

- Equipe designada pela Portarias nº 1997, de 17 de agosto de 2023 e nº 2337, de 23 de outubro de 2024, do IFSul. •
 - Maria Helena Campos de Bairros •

ORGANIZADORES/AS DA OBRA

Angelita da Rosa – Doutoranda em Educação (Linha História, Memória e Educação), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente, câmpus Venâncio Aires. E-mail: angelitarosa@ifsul.edu.br

Carla Rosani Silva Fiori – Mestre em Administração Universitária, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Administradora, na Editora IFSul, Coordenadoria de Publicações Científicas (COPUC), Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação (PROPESP). E-mail: carlafiori@ifsul.edu.br

Ceres Mari da Silva Meireles – Mestre em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Advogada. Procuradora Federal aposentada. Exercício na ETFPEL/CEFET e Procuradoria Seccional Federal de Pelotas. Assessora Jurídica CONDITEC/CONCEFET. Criadora do Memorial do CEFET Pelotas. E-mail: ceresmeireles@gmail.com

Daniel Ricardo Arsand – Doutor em Química, com estudos sobre fármacos e substâncias ativas em efluentes hospitalares e o uso de Técnicas Avançadas de Oxidação no seu tratamento, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universität Freiburg, Alemanha. Docente, câmpus Pelotas. Diretor de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação (DIPESP). E-mail: danielarsand@ifsul.edu.br

Glaucius Décio Duarte – Doutor em Informática na Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente, câmpus Pelotas. Coordenador de Publicações Científicas (COPUC). E-mail: glaucius@pelotas.ifsul.edu.br

José Leonel da Luz Antunez – Especialista em Ginástica Escolar, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente, Reitoria do IFSul. E-mail: joseleonelantunez2021@outlook.com

Marcelo Freitas Gil – Doutor em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente, câmpus Pelotas-Visconde da Graça. E-mail: marcelogil@ifsul.edu.br

Rodrigo Lavalhos Dal Forno – Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Ex-professor substituto, no câmpus Venâncio Aires. E-mail: rodrigoforno@ifsul.edu.br

Valter Lenine Fernandes – Doutor em História Econômica, pela Universidade de São Paulo (USP) e Universidade de Lisboa (PDSE-CAPES). Docente, câmpus Sapiranga. E-mail: valterfernandes@ifsul.edu.br

Vinícius Martins – Doutor em Engenharia de Minas, Metalúrgica e Materiais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente, câmpus Sapucaia do Sul; Pró-reitor de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação. E-mail: viniciusmartins@ifsul.edu.br



Logomarca criada por
Patrícia Koschier Buss Strelow
CCS – IFSul

Este livro foi editorado com as fontes Arial Nova, Trade Gothic Next Cond Hv;
Calibri e Tw Cen MT Condensed Extra Bold

Versão digital (*e-book*), em acesso aberto, disponível em:

<http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul>

Sob a mesma temática - a história do IFSul – a comunidade acadêmica foi convidada a aderir ao chamamento público (Edital PROPESP nº 11/2023) para registrar, em escrita livre, suas percepções e relatos do impacto da Instituição em suas trajetórias pessoais e profissionais.

Este Volume III é composto por 11 capítulos que oferecem aos leitores textos com diferentes olhares e oportunidades, ambientadas nas unidades do IFSul.